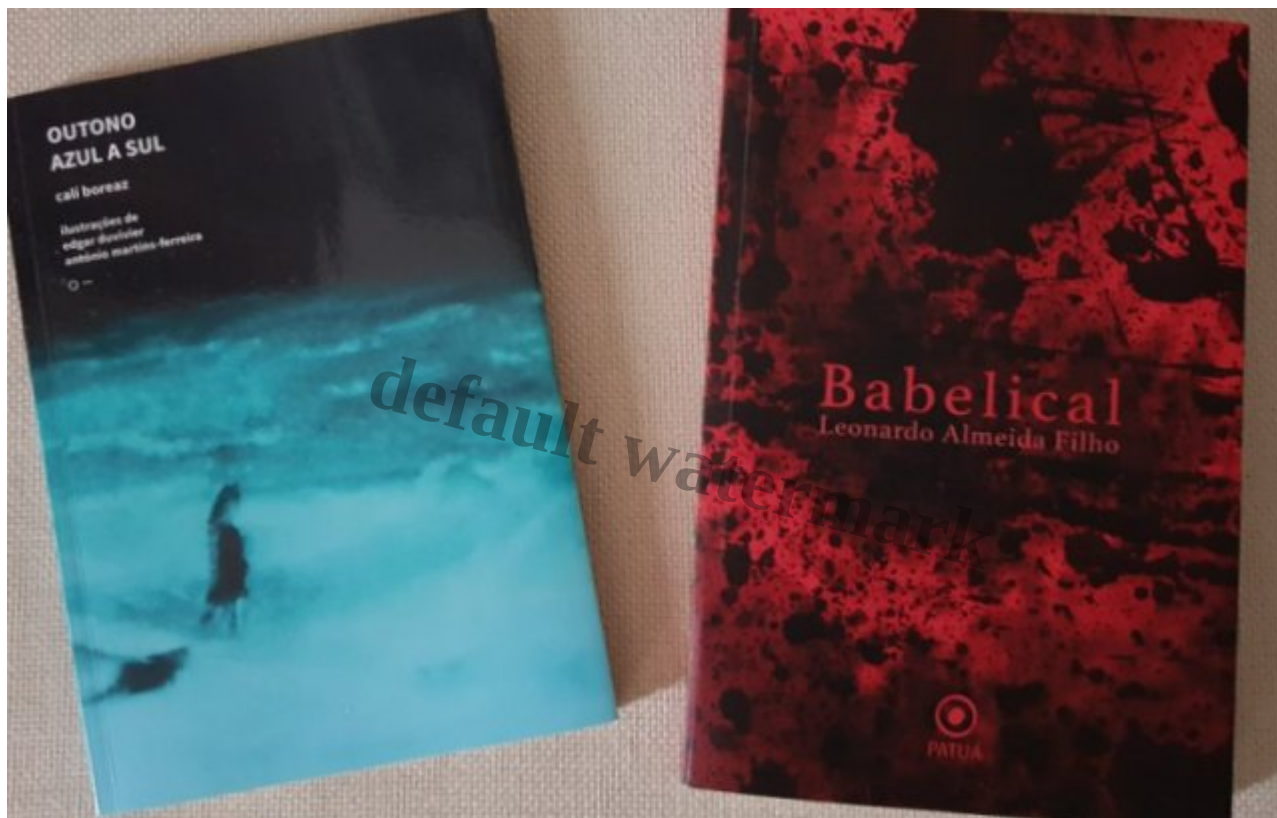


A Confraria dos Ferozes

Description



A poesia, dentre todas as artes da escrita, talvez seja a mais desafiadora, desconcertante, instável. Da perspectiva de quem nunca escreveu verso algum, é preciso uma certa dose de ousadia para se aventurar por seus caminhos. Muito provavelmente por isso é que existe aquela que um amigo poeta sugeriu ser uma “confraria dos ferozes”, que adoram provocá-la e para quem ela é imprescindível. Não conseguem passar um dia sem visitá-la ou sem serem visitados por ela. Para alguns destes, como Ferreira Gullar, tudo era ao mesmo tempo tão natural que o poeta maranhense afirmava que chegou a passar um bom período de sua vida falando em decassílabos, tamanha a sua admiração e gosto por Petrarca.

Temos dois distintos integrantes desta congregação que estão entregando suas mais recentes coleções de poemas às livrarias: cali boreaz, que acaba de lançar “Outono Azul a Sul” (Editora Urutau, 2018: edição Brasileira e Europeia), e Leonardo Almeida Filho, que teve editado o seu “Babelical” (Editora Patuá, 2018).

Em tempos de textos gritados nas redes sociais em letras maiúsculas e caracteres gigantes, cali boreaz nos apresenta versos escritos todos com grafia minúscula e com uma pontuação singular, elementos que dão charme aos poemas. A autora incursiona por uma poesia de índole sinestésica, que incorpora elementos das artes musicais e visuais. O “Outono Azul a Sul”, uma

referência é esta é o do ano em que nasceu a poetisa em Portugal, devidamente transposta para trópicos solares, traz imagens fotográficas de Antônio Martins-Ferreira e reúne ilustrações do artista plástico Edgar Duvivier, o autor das famosas estatuas de Clarice Lispector/Nelson Rodrigues/Proust e pai do escritor Gregório Duvivier. Já boreaz sugere trilhas, fundos sonoros, quando não o próprio silêncio, para a leitura de seus poemas, registra ainda imagens que ilustram suas poesias para suas postagens em canais multimedial.

25 de março: Falha Geográfica, flutua entre os sotaques portugueses e brasileiro

Os novos poemas de Léo Almeida chegam incensado por gente como o acadêmico e também poeta, ensaísta e crítico Antonio Carlos Secchin, que elogiou a diversidade de sua poesia, que investe por vertentes variadas alternando poemas curtos e longos, vazados como sonetos ou em versos dísticos. Poderíamos acrescentar as apostas em belos haicais também incluídos na sua trova babelical. Armando Freitas Filho apontou o seu rigor não como aquele que teme o erro e por isso é avaro, de superfície; o rigor que se lê e se sente [?] é decididamente destemido e visceral, escreveu na contracapa. Leonardo escreve versos homenageando seus poetas queridos em uma lista que inclui Poe, Ginsberg, Cabral, Bandeira, Raimundo Correia, Bilac e faz uma ode a um escritor imaginário ao traduzir os versos de um certo Gonçalves Barreto, um suposto bardo português do século XIX que teria vivido radicado na Irlanda.

O Calango Careta, hino carnavalesco de bloco brasileiro

Mestre em literatura pela UnB, Leonardo Almeida se aventura por outras áreas além da poesia. Já publicou um romance (O Livro de Loraine, 1998), contos (está na Antologia do Conto Brasileiro, de 2004, e em Todas as gerações, de 2007, Logomaquia: um manifesto, de 2008, e Nebulosa Fauna e Outras Histórias Perversas, de 2014) e um trabalho ensaístico (Graciliano Ramos e o Mundo Interior, de 2008). É também músico dos mais talentosos, ainda que diletante não sei por que nunca quis trabalhar profissionalmente com música. Tem um disco em parceria com o amigo Paulo de São (Papo de Boteco, 2018) e compôs um hino certo para um bloco carnavalesco de Brasília, o Calango Careta.

Category

1. Já boreaz
2. Leo Almeida

Date Created

2019/03/05

Author

kikopedrosa